

## Entre a experiência e o encontro: a mediação artística no espaço expositivo e na sala de aula

**Autora: Helena dos Santos Moschoutis**

Universidade Federal de Pelotas

**Orientadora: Carolina Corrêa Rochefort**

Universidade Federal de Pelotas

**Resumo:** Este texto tem como tema a relação entre mediação artística e educação formal. Traçando as reflexões iniciais de meu trabalho de conclusão de curso, ainda em desenvolvimento, coloco em relação e analiso minhas experiências enquanto estagiária, durante o Estágio Supervisionado em Educação, e nas mediações realizadas nos anos de 2010, 2011 e 2012. Para realizar tal análise parto de uma escrita fenomenológica, já que meu olhar é um olhar de dentro do acontecimento. Tais pensamentos terão como fio condutor a crise que se estabeleceu com o início de meu estágio em relação à experiência anterior como mediadora. Os conceitos de *encontro* e *experiência* são utilizados para articular esta relação.

**Palavras-chave:** mediação; educação formal; encontro.

Este texto versa sobre os primeiros caminhos traçados para realização de minha pesquisa de conclusão de curso a ser desenvolvida no segundo semestre deste ano. Essa pesquisa surge a partir de minhas experiências com mediação artística em projetos de extensão da universidade onde estudo e da 8ª Bienal do Mercosul (2011). A proposta aqui é colocar essas experiências em relação com meu estágio<sup>1</sup> buscando pensar o trabalho do *professor mediador*<sup>2</sup>.

O trabalho de mediadores em espaços culturais vem sendo estudado há alguns anos, tendo diferentes entendimentos sobre sua função. Atualmente o mediador de exposições de arte é entendido também como educador, portanto esse campo de atuação pensa a mediação como um momento delicado. O momento de mediar, de estar entre a obra de arte e o fruidor, não significa explicar coisa alguma, mas instigar, perguntar, despertar potencializando o prazer e a profundidade de uma experiência artística em um espaço expositivo. Além disso, entendo que o mediador respeita as vivências e valoriza a experiência do fruidor com as obras de arte, que é íntima e muitas vezes indizível, sem a necessidade de uma mediação de caráter

---

<sup>1</sup> Estágio Supervisionado em Educação de Artes Visuais, disciplina obrigatória do curso de Artes Visuais Modalidade Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> No texto "Professor Mediador" Milene Chiovatto escreve sobre como a atuação do professor pode ser ampliada quando entendida também como prática de mediação: "[...] significa cumprir, em síntese, duas operações distintas: tornar o encontro (com a obra, com a técnica, com o conhecimento, consigo próprio) potencial e articular os conhecimentos derivados desse encontro, interligando-os numa construção coletiva." (2000).

informativo e/ou explicativo. Sobre a potencialidade do saber da experiência no campo da educação, Larrosa Bondía nos escreve:

Vamos agora ao sujeito da experiência. Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Pensando essas questões, observando que meu contato com esse campo se deu apenas através de experiências não curriculares e percebendo que minhas práticas de mediação artística influenciaram minha forma de pensar a educação formal, aquela da sala de aula, aponto o seguinte tema de pesquisa: A relação entre mediação artística e educação formal de artes visuais. Este tema se faz relevante porque percebo que discussões sobre educação em espaços culturais ainda são pouco desenvolvidas em nosso meio acadêmico, fala-se pouco sobre mediação, seja pensando o *professor mediador*, seja discutindo a necessidade de nós e nossos futuros alunos termos a experiência de visitar um espaço de arte. No texto “O Professor Mediador” Milene Chiovatto escreve que a função do mediador é caracterizada por alguém que se coloca *entre*, o que poderia ser entendido como uma barreira, afastando os polos, mas

A proposta de mediação, entretanto, é exatamente oposta. É estando no meio que se pode, mais facilmente, perceber as necessidades dos pólos e interceder no sentido de garantir um equilíbrio, uma conciliação. E como fazem os mediadores para chegar ao resultado satisfatório a todos? Consideram todas as necessidades e as respondem; exploram e aprofundam cada descoberta, garantindo-lhes sentido; e articulam todos esses aspectos segundo as especificidades da situação. (HELGERA, 2011, p. 64)

Na medida em que estive em contato com este entendimento de educação de artes visuais é que essa pesquisa se justificativa, pois, além de pretender contribuir para as discussões sobre mediação artística no meio acadêmico, pode indicar a necessidade de se discutir mediação artística na formação de professores de artes visuais, dada a demanda crescente de projetos educativos em espaços culturais e da importância de nossos futuros alunos estarem em contato com obras de arte e espaços expositivos.

O problema desta pesquisa, que definirá o eixo central em torno do que pretendo dissertar, é: de que forma a prática de mediação pode contribuir para a formação de professores de artes visuais? A partir de minhas vivências, trabalharei com a hipótese de que essas experiências foram fundamentais para mim já que, desde a 8ª Bienal do Mercosul me sinto modificada, seja a respeito de minha postura como mediadora ou como futura arte/educadora. Entendo que as preocupações e questões mais recorrentes que aparecem no campo da mediação artística são muito próximas às que tenho no estágio. Portanto, prevejo como resultado de minha pesquisa que as experiências com mediação artística aumentaram e alargaram a visão que tenho de arte/educador.

Dessa forma, o objetivo geral de minha pesquisa consiste em investigar as possíveis relações entre mediação artística e educação formal, partindo das diferentes formações que tive, dos referenciais teóricos que me foram apresentados, de algumas mediações que foram pontuais para que meu entender do que é mediação artística e da relação destas questões com minha prática de estágio. Para melhor compreender o contexto em que estive inserida, tenho como objetivos específicos definir o conceito de mediação artística com base em referenciais teóricos e em minhas experiências, situar o conceito de mediação artística no contexto educacional contemporâneo e, por fim, analisar meu trabalho como mediadora nos diferentes contextos em que atuei relacionando-os com minha prática de estágio, a fim de compreender de que forma essas experiências foram determinantes para minha formação enquanto educadora.

A escrita ocorrerá de forma fenomenológica, ou seja, por um olhar de dentro do fenômeno, imersa no mediar. O fio condutor para essa escrita será a crise, o choque entre as experiências de mediação e educação formal, por ser algo que está latente em meus escritos. A partir desses escritos, memórias, vídeos e fotografias de mediações e das aulas do estágio, elaborarei uma narrativa de situações que julgo serem especialmente marcantes para minha formação. A comparação com a prática do estágio será fundamental para que eu possa perceber a dimensão da influência das experiências com mediação artística na prática em sala de aula. Isso acontecerá ao mesmo tempo em que narro as situações de mediação artística, permitindo que as inevitáveis comparações entre as duas práticas venham à tona.

Os conceitos *encontro* e *experiência* serão utilizados para estabelecer a relação do professor/mediador com alunos/visitantes. A experiência em um processo

educativo ocorre quando o ponto de partida para desenvolver conteúdos e conceitos é a vivência de quem aprende. Quando se *experencia* conhecimentos se está estabelecendo uma série de relações com experiências anteriores e, dessa forma, se constrói sentido ao aprendizado. Essa experiência está também conectada com uma disponibilidade de colocar a si e a seu corpo em situação de experiência, de encantamento:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Quando a experiência ocorre de forma potente, ocorre um *encontro* no processo educativo. O *encontro* é entendido aqui como o momento único em que pessoas são capazes de unir diferentes vivências e alargar o mundo<sup>3</sup>. É o instante em que trocamos, nos colocamos disponíveis um para o outro e para o campo da arte. Merleau-Ponty diz que os seres humanos são capazes de se perceberem no mundo quando colocados em relação com o outro, quando percebe diferenças e semelhanças, quando se enxerga no outro:

Um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do senciante-sensível, quando se inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria bastado para fazer... (MERLEAU-PONTY, 2004, p.18)

O *encontro* através da *experiência* é aquele que é capaz de marcar pessoas, de misturar formas de ver o mundo e alargar conhecimentos: “Cada encontro movimenta e compõe relações, entrelaçamentos e, conseqüentemente, impressões distintas.” (ROCHEFORT, 2010, p. 140). Assim, já que não posso *encontrar* o mundo inteiro, talvez publicando(-me) eu aumente o alcance de minhas reflexões, anseios e dúvidas, de forma a reinventar(-me) e contribuir para que outras pessoas se reconheçam em minha experiência.

---

<sup>3</sup> Referência ao poeta Manoel de Barros que escreveu “A invenção é um negócio profundo. Serve para aumentar o mundo.”.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, v. 19, p. 20-28: Campinas, 2002.

CHIOVATTO, Milene. O Professor Mediador. In HELGUERA, Pablo (org.). *Mediação – traçando território*. Porto Alegre: Fundação Bial do Mercosul, 2011.

COELHO JÚNIOR, Néelson; CARMO, Paulo Sérgio do. *Merleau-Ponty Filosofia como corpo e existência*. São Paulo: Escuta, 1991.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DUARTE JR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRINSPUM, Denise. Museu e escola: responsabilidade compartilhada na formação de públicos. *Boletim Arte na Escola*, n. 34, São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2004.

GROSSMANN, Martin; MARIOTTI, Gilberto. *Museu arte hoje*. São Paulo: Hedra, 2011.

KASTRUP, Virginia. *A invenção de si e do mundo*. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

MARTINS, Mirian Celeste (org). *Mediações: provocações estéticas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação, 2005.

MENDONÇA, Vera Rodrigues de. *Arte e Mediação: Percepção requer envolvimento*. In: Revista Concinnitas, Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PASSEGGI, Maria da Conceição. *A experiência em formação*. Porto Alegre: Revista Educação, v. 34, p. 147-156, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CORRÊA ROCHEFORT, Carolina. *A marca corporal como registro de existência e a pele como superfície de experiência: o contato como paradigma para as imagens impressas do corpo*. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR – RS, 2010.